

BILHETE

Zico.

Aqui vamos indo como Deus manda; e para falar com franqueza (Ele que me perdoe) não creio que esteja mandando lá muito bem; às vezes até cuido que se esqueceu ou enjoou de nós, e deixou o Brasil entregue ao sr. Vargas, como capitania hereditária — e foi cuidar de assuntos mais sérios. E o sr. Vargas come vatapá — é tudo o que sabemos de certo sobre suas últimas atividades.

Nicolau, da Rússia, comia mingau (como seu nome indica) às vésperas da Revolução, e a graciosa Maria Antonieta mordiscava brioches quentes na manteiga. Vatapá tem mais sustância que tudo isso, e o sr. Vargas não corre o mesmo risco daqueles imperiais personagens: o Brasil é um país de paz e amor. Tem havido, entretanto, coisas raras, que convém contar e pesar. Um tal Jânio, tribuno do povo, foi feito alcaide da comuna de S. Paulo contra tudo e todos — o Dinheiro, o Poder, a Imprensa, o Rádio e os Grandes Partidos da Burguesia e do Proletariado. Venceu a grita. O povo, silencioso, foi atrás dele, em maioria absoluta e pesada. Sim, Zico, esta coisa que diziam que não havia no Brasil, esta coisa vaga, muito usada em frase de discurso, essa coisa imprecisa, informe, quase sempre inerme, que se chama povo. Houve. Há. Eis uma novidade terrível.

E agora há ondas de greve. Dizem que uma, no porto do Rio, é estimulada e dirigida por um senhor aprendiz de feiticeiro do Partido Trabalhista. Até das greves de S. Paulo já se disse que são "manobra de Vargas". Acho que depois dessa insurreição de Jânio essa tese não merece muita fé. E' mais fácil atribuir tudo aos comunistas; porém minha cozinheira, que é uma pessoa sensata, comenta apenas:

— Seu Rubem, o feijão está custando 15 cruzeiros o quilo.

E eu, que sou meio Nicolau e meio Maria Antonieta, não me alarmo:

— Está bem, Dora, dê-me "champignons" ao jantar.

E' verdade, Zico, que no meio de tudo isso eu não tenho nada a perder, a não ser as dívidas e uma namorada já com bastante uso, embora ainda em bom estado de funcionamento.

O sr. Vargas tem o charuto, o vatapá, os bois, e, falemos bonito, a curul. De modo que deixemos a ele o trabalho de pensar nessas coisas, enquanto aproveitamos os últimos dias desta bela Pompéia para pensar no que ainda resta de belo neste mundo: as marinhas que Duffy deixou pintadas, a floresta da Tijuca ao amanhecer, as aves do céu, as ondas do mar, os olhos azuis de Tônia Carrero e o sorriso meio tristonho da menina de 5 anos que é filha do português porteiro lá do prédio.

Um abraço, adeus.

R. B.

28/3/53

261